


SIMONE GOMES VASCONCELOS MOREIRA

Organizadora

The illustration depicts a surreal landscape where a path of text winds through a green field. A black lamppost stands on the left, with a white seagull perched on top. Another seagull is flying in the sky. On the right, a person wearing a red umbrella, a black dress with white polka dots, and red shoes stands on the path. The background is a warm, golden sky. The title 'O PODER DAS HISTÓRIAS' is written in large, white, bold letters with a black outline across the middle of the image.

**O PODER
DAS HISTÓRIAS**

O PODER DAS HISTÓRIAS

NOTA: Dado o caráter interdisciplinar desta Coletânea, os textos publicados respeitam as normas e técnicas bibliográficas utilizadas por cada autor.

A responsabilidade pelo conteúdo dos textos desta obra é dos respectivos autores e autoras, isentando os Organizadores e a Editora com as ideias publicadas.

© **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.** Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos. A violação dos direitos é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19/02/1998, Lei dos Direitos Autorais).

Simone Gomes Vasconcelos Moreira
Organizadora

O PODER DAS HISTÓRIAS

1ª. Edição

Editora IGM
2021

Copyright © Editora IGM 2021
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos. A violação dos direitos é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19/02/1998, Lei dos Direitos Autorais).

Capa, Projeto Gráfico e Editoração

Editora IGM

Editor responsável

Gercimar Martins

Impressão

Gráfica Parceira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O poder das histórias. / Org. Simone Gomes Vasconcelos Moreira. – Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2021.
1ª Edição.

102 p. : il. ; 21 cm

ISBN: 978-65-87038-37-7

1. Literatura Brasileira - Coletânea.
I. Título.

CDD: B869-8

Índice para catálogo sistemático:

Literatura brasileira – Coletânea B869.8

© 2021

Proibida a reprodução total ou parcial nos termos da lei.
Impresso no Brasil.

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I.....	13
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA INFÂNCIA	
SIMONE GOMES VASCONCELOS MOREIRA	
CAPÍTULO II	23
A HISTÓRIA DO PRETO NA SOCIEDADE	
CARLOS EDUARDO MADUREIRA	
CAPÍTULO III.....	33
O PODER DAS HISTÓRIAS NO ESPORTE	
MARCIO GABRIEL ROMÃO	
CAPÍTULO IV	43
O PODER DAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS COMO MEIO DE FORMAR CIDADÃOS ALFABETIZADOS, LETRADOS E ATUANTES	
ELIANA APARECIDA DE ANDRADE	
CAPÍTULO V.....	59
O CONTAR: O PODER DAS HISTÓRIAS	
FRANCISCO DE ASSIS SILVA ARGOLO	
CAPÍTULO VI.....	67
LITERATURA: UM INSTRUMENTO INDISPENSÁVEL NA ARTE DO ENSINAR	
SORAIA CRISTINA DA SILVA CORREIA	

CAPÍTULO VII.....77

NÃO SE ENGANE: ISTO É A DENÚNCIA DE UMA FARSA!

RODRIGO SAVA

CAPÍTULO VIII87

O MENINO COM ALMA DE PÁSSARO

SANDRA DE OLIVEIRA CATALANI

CAPÍTULO IX.....95

FUNDAÇÃO DOS SONHOS

DANILO DA COSTA E SILVA TINOCO

Apresentação

Simone Gomes Vasconcelos Moreira

Organizadora

As histórias guardadas pelo ser humano são informações dentro de um contexto de conhecimento e possivelmente carregam algo emocional, logo qualquer emoção, por menor que seja, fica na memória.

O presente tema O poder das histórias tem uma ampla forma de mostrar a cada leitor o que é visto em algumas áreas de conhecimento nos relatos de suas vivências, e também formas encontradas para solucionar questões e nos mostrar positivamente suas práticas.

Sabe-se que uma boa história capta a atenção de quem lê e ouve a história, seja ela verídica ou inventada. Dessa forma, este livro, além de histórias, são dicas, estratégias e narrativas que você poderá utilizar em sua vida. Verá também,

O Poder das Histórias

12

caro leitor, como a criatividade e a boa leitura nos fazem mais críticos, cidadãos pensantes gerando grandes ensinamentos. Por causa disso, sugiro que aproveite este livro, cada capítulo dele, e implemente novos conhecimentos em sua vida.

Cada coautor fez como Platão “...dizer as coisas (histórias) como elas são.”

Convido a você para entrar nessa trajetória conosco e conhecer o poder que as histórias têm.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Capítulo I

O Poder das Histórias

A importância da literatura na infância

Simone Gomes Vasconcelos Moreira¹

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo ...”

Fanny Abramovich

Um momento mágico aquele que ouvimos quando crianças histórias mirabolantes, bem contadas que nos fazem suspirar de emoções... Até mesmo adultos amam escutar histórias que nos ensinam de forma agradável e prazerosa.

No período em que nos narram histórias *viajamos* para um país distante, outros tempos. Ouvindo-as sentimos tristeza, alegria, irritação, raiva, pavor, desejo... Vivenciando isso

¹ Formada em Letras – Português/Grego e Literaturas UERJ 1996/1997. Docente de Português Ensino Médio SEEDUC-RJ. Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior – Cândido Mendes – 1999. Pós-Graduada em Mídias na Educação – UFRJ -2012. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional – Estácio – 2018 – atuando na área. Tutora - Formadora Agente de Leitura e Contadora de Histórias.

O Poder das Histórias

tudo, é que as narrativas suscitam em quem as ouve um sabor especial pela leitura.

16

De acordo com Bruno Bettelheim:

“... a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados- ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes.”

Escutar histórias torna-se uma possibilidade de descobrir o mundo, as dificuldades e as soluções que todos nós vivemos e que serão resolvidos pelos personagens de cada história. E assim, esclareceremos melhor nossos horizontes ou encontraremos um caminho possível para resoluções deles.

A maioria das crianças ouvem histórias de suas avós, avôs, tios, tias e até mesmo de alguns professores da escola, ou seja, crescemos ouvindo contos populares, folclóricos e bíblicos como: A Branca de Neve e os Sete Anões, A Cinderela, O Patinho feio, Chapeuzinho Vermelho, A Arca de Noé, O Saci Pererê, Sansão e Dalila entre outras..., histórias que despertam nosso imaginário e talvez até respondiam a tantas questões, que nem sabíamos por estar em nosso inconsciente, mostrando um mundo cheio de conflitos e impasses no qual todos vivemos.

Já dizia Bettelheim:

“O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão

os contos de fada são tão convincentes para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua.”

As histórias bíblicas oferecem relatos de vários personagens de suas respectivas narrativas com ensinamentos.

Há uma moral em todas essas histórias bíblicas e parábolas ditas por Jesus.

Eis aqui a história que está no livro de Lucas 15, o filho pródigo, um filho que era o mais moço, pediu a parte de sua herança a seu pai e foi para um país distante gastar seu dinheiro em demasia sem se preocupar com as consequências. Mas houve uma fome muito grande naquela terra e ele já havia gasto tudo o que tinha, por isso, passou a comer as alfarrobas que os porcos comiam. Esse rapaz se lembrou da abundância de pães dados aos empregados de seu pai e ele, perecendo de fome. Então, resolveu voltar para a casa do pai e assim se arrependeu e disse: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti, já não sou digno de ser chamado seu filho. Trata-me como um de seus empregados”, seu pai o abraçou, beijou-o e relatou: “este meu filho estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi achado.”

Enfim, houve uma grande festa naquele dia e um aprendizado eterno para o filho pródigo que foi restaurado e perdoado pelo pai.

De acordo com Bruno Bettelheim:

“... as estórias bíblicas e mitos, os contos de fadas eram a literatura que edificava todo o mundo – criança tanto como adulto – por quase toda a existência do homem.”

Percebemos a relevância de se ouvir e ler histórias para também edificação do ser humano e para responder as perguntas guardadas em nosso inconsciente.

1.2- Como explicar uma boa história

Só apreciamos a narrativa se esta for bem contada, lida ou decorada de forma agradável de ser ouvida. Eis o que Malba Tahan escreveu em relação a isso:

“A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção... A história bem escolhida e bem orientada, pode servir como viga-mestra na grande obra educacional.”

Pais e professores bem orientados empregam a história como meio eficaz de corrigir faltas, ensinar bons costumes, inspira atitudes nobres e justas. No entanto, além disso, a literatura tem a função de conduzir o indivíduo ao mundo da fantasia.

Ser um contador de histórias é ter em si um *toque* perfeito em sua voz e fazer com que o ouvinte *viaje* no mundo da imaginação. Além desses aspectos, quando uma história é bem contada, o ouvinte cria imagens, sente emoções, vê lugares nunca antes vistos; daí a importância de dar pausas nas narrações, ter firmeza e respirar fundo ao começar uma sessão, e

jamais esquecer de ensaiar suas histórias. Se não houver ninguém para escutá-las, experimente utilizar um espelho ou gravar suas contações. Esses exemplos fazem com que eliminemos tudo aquilo de que não gostamos quando nós próprios nos observamos diante deles.

Ao contar uma história escolha aquela de que mais gosta, com a qual se identifica, pois assim, você atingirá o seu ouvinte da melhor maneira possível.

Outro ponto importante será dar volume a voz, ou seja, impostando-a. Fazendo isso, a história fica mais clara, mais interessante, mais provocante...

O interesse pela história, também, está relacionado ao olhar do contador sendo fixo e firme caracterizando todos os contadores. Só assim estes chamam os ouvintes e os prendem a sua história.

Cabe ao contador de histórias expor às pessoas o título do livro contado, sua editora e principalmente o nome do autor. Assim, a divulgação do livro e do autor serão necessários para que todos conheçam suas narrativas.

Em vista disso, um contador de histórias suscita a quem ouve o gosto de ler, passando a mostrar ao mundo a importância da leitura.”

Cabe também aos educadores e não somente aos agentes de leitura esse ato de divulgar a leitura com amor e prazer para que os educandos se tornem leitores e amantes de livros.

Samira N. Mesquita descreve sobre contar e ouvir histórias.

“Contamos, ouvimos, lemos e escrevemos histórias todos os dias, ao exercermos o inter-

O Poder das Histórias

câmbio comunicativo que caracteriza nossa vida comunitária”.

20

E nos mostra também como é interessante uma história ser bem contada.

“(…) Interessamo-nos intensamente pelo desenrolar de uma história bem contada. Estão aí as novelas de TV, impondo a milhares de pessoas em todo o país, e até no exterior, um tipo massificante de lazer, num horário igualmente imposto...O narrador é um jogador, e forma, com o leitor e o próprio texto, o que se pode chamar uma comunidade lúdica...ler, ouvir, contar-se uma história, desenrolar-se um enredo, tal como exercício do jogo, há a busca de prazer, há tensão, competição, há a máscara, simulação, pode haver até vertigem.”

Em suma, a história estimula ao homem a criatividade, pois esta, o faz criar imagens, o ensina a pensar, sonhar e descobrir uma fórmula nova para realidade de sua vida, que *po-*
der há!

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil 1969

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e bobices.

Ed. Scipione. Rio de Janeiro. 2001

BETTELHEIN, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e

Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação do Desporto, SEED, 1998

MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo, Ática, 1986.

TAHAN, Malba. A arte de ler e contar histórias. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1966

O Poder das Histórias

Capítulo II

O Poder das Histórias

A história do preto na sociedade

Carlos Eduardo Madureira²

As manifestações ocorridas em todo o mundo contra o racismo traz às páginas da história mais um capítulo de luta, sangue e suor escrita por pretos e simpatizantes da causa, mais precisamente nos EUA e no Brasil. As mortes de George Floyd, no Texas, Breonna Taylor, no Kentucky, Jacob Blake (sete tiros a queima roupa), em Wisconsin, todos nos EUA; Miguel Antônio, 5 anos, João Pedro, 13 e Ágatha Vitória, 8; todos esses últimos, no Brasil, reacende o debate sobre o racismo que não findou no séc. XIX, com a 13^a Emenda à Constituição dos EUA (1864), tampouco na década de 1960 com a assinatura da Lei de Direitos Civis Norte Americana (1964) e a Lei Áurea, no Brasil, em 1888, além da Lei Caó e diversos outros ordenamentos legais.

Não é mistério que o racismo no Brasil é estrutural. Um país que teve seu crescimento econômico com base no modo de produção escravista e seu crescimento populacional na mistura de raças, hoje, tenta de alguma forma se livrar da pecha de país racista ou, em certa camada da sociedade, que ainda exala, de forma caricata, os moldes dos oligarcas do passado, com pitadas de arianismo e do comportamento dos Confederados norte-americanos a fim de firmar-se como supremacia branca.

² Professor de Filosofia e Sociologia.

Erving Goffman, em seu livro *Estigma* traz com brilhantismo o que é o tal racismo estrutural. Vale a transcrição.

*Sugeriu-se inicialmente que poderia haver uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade real de um indivíduo. Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo.*³

Essa é realidade do preto no séc. XXI e, arrisco a dizer, desde tempos imemoriais. A busca da identidade preta é uma realidade desde sempre, não só Brasil, como no mundo. Apartheid, luta pelos Direitos Civis, o movimento, este mais recente, #blacklivesmatters, enfim. Os movimentos sociais são inúmeros e uma das formas de descredenciar ou desacreditar os referidos movimentos é diminuir a luta, principalmente através das *fake news*. Ocorre é que a internet é um terreno que não tem fronteiras. Basta um grupo se organizar, gravar um vídeo, filmar um gesto ou um fato racista, que o mundo é conquistado. Mas a conquista precisa ser por Direitos, por igualdade, por posição no *locus*, seja ele social ou intelectual.

Outra forma que pode ser utilizada como descrédito da causa é o que o Brasil sempre fez até o primeiro quartel do séc. XX. O Brasil sempre buscou o clareamento de sua gente. Ação que no passado era uma forma de amenizar a vida da criança, fruto dos estupros de senhores de terra. Pois, uma vez

³ GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. p.28.

com a pele mais clara, não trabalharia no eito e, sim, serviria à Casa Grande, o que traria algumas benesses⁴.

Na história do Brasil, o ícone da resistência da causa dos pretos é Zumbi dos Palmares. Porém, tudo me leva a crer que há certa miopia, esquecimento, ou até mesmo falta de conhecimento dos fatos, uma vez que outros ícones de resistência à escravidão e expoentes da emancipação e cultura do preto não são lembrados. Exemplos como o de Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, que abriu as portas para o samba carioca, em sua casa, na Praça XI, no Rio de Janeiro (hoje, sua casa é uma escola municipal que carrega o seu nome), além de ser a curandeira que cuidava de algumas das autoridades da época, como o ex-presidente Wenceslau Brás. Nomes como o de Luís Gama, advogado, orador, jornalista, escritor e um dos grandes nomes da resistência abolicionista. José do Patrocínio, conhecido escritor, orador e membro da ABL (Academia Brasileira de Letras), André Rebouças, engenheiro, deputado e conselheiro de Pedro II, autor de grandes feitos no desenvolvimento do Brasil Colonial, na política e nas artes, incentivando, inclusive, a carreira do maestro Carlos Gomes. Nomes como o de João Cândido, que lutou pelo fim dos castigos corporais em navios da Marinha Brasileira, no episódio conhecido como “A Revolta da Chibata”, já no limiar do séc. XX (1910). Esses nomes não devem cair no esquecimento, como ocorre, por exemplo, com Nilo Peçanha, primeiro Presidente da República de cor preta (14 de junho de 1909 a 15 de novembro de 1910), sucedendo o então presidente, Afonso Pena, falecido em 1909. Nilo Peçanha foi importantíssimo para o desenvolvimento social e industrial do Brasil. Criou o Ministério da Agricultura, o Serviço de Proteção ao Índio e os centros técnicos que tornar-se-iam precursores dos CEFET’s. Nilo Peçanha

⁴ Ver Freyre, em *Casa Grande & Senzala*.

foi mais uma figura importante, também na causa abolicionista.

Caso curioso na figura de Nilo Peçanha e de outras personalidades entre o séc. XIX e o início do séc. XX, é que alguns pesquisadores afirmam que suas fotografias eram retocadas a fim de clarear a tez de sua pele, fato que era comum na época, já que, como dito acima, o Brasil sempre buscou clarear a sua gente. No caso de Nilo Peçanha, inclusive, não há em sua biografia nenhuma referência à sua origem africana, bem como ocorreu com outros presidentes do período da República do Café-com-Leite, tais como Campos Sales, Rodrigues Alves e Washington Luís. O tabu só é quebrado com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que apesar de declarar-se branco, não negou suas origens africanas.

A história de luta e resistência do preto no Brasil não pode resumir-se às lutas de séculos pretéritos e nem somente aos quilombos. A comunidade quilombola tem a sua importância na autoafirmação de nossa identidade. Mas a luta é no dia a dia, quando as vagas para cotas raciais são vistas com maus olhos, pois, de certa forma, foram criadas de maneira equivocada. Nossa luta não pode ser uma luta *made in USA*, e sim, produzida e patenteada no Brasil. Pretos têm o seu lugar a conquistar, através de Direitos e não (tomo aqui, emprestando um termo jurídico para metaforizar o raciocínio), vislumbres da fumaça do bom Direito. Mas Direitos de fato! Muita coisa mudou e muito há para mudar. O percurso ainda carece de muita lida, pois, em se tratando de vidas e Direitos (humanos, principalmente) nenhum passo deve ser dado para trás.

Vidas pretas importam e sua história também, vide Joaquim Maria Machado de Assis, ícone da literatura nacional e mundial, Cadeira nº 1 e fundador da ABL, cadeira, na qual nenhum escritor mais ocupou até o dia de hoje. Lima Barreto

que tão bem descrevia o modo de vida e de pensar do brasileiro, apesar de seus problemas com a esquizofrenia.

Óbvio que vidas pretas importam. Importam justamente por estarem eivadas de história de luta e resistência. A história preta importa e essas devem ser trazidas aos currículos escolares porque a história do preto, bem como a história do índio e do nordestino é a história do povo brasileiro. Somos um povo pacífico sim, mas devemos saber diferenciar pacificação de passividade e subserviência.

Não há lugar para mentes e atitudes retrógradas. A luta do preto no séc. XXI também tem de ser com o intelecto. As atrocidades ocorridas nos últimos dias atingem todos aqueles que têm o mínimo de compaixão. Na era da informação instantânea não deveria haver espaço para comportamentos idiotizantes, medonhos, odiosos e desprezíveis. O racismo deve ser combatido nas ruas, nos diretórios e com o avanço dos Direitos Humanos até ser extirpado de vez do nosso meio, seja no Brasil, nos EUA ou na Europa. O preto deve ser incluído de fato e não teoricamente como temos acompanhado nos últimos anos.

O brasileiro conseguiu de maneira tosca formar o mestiço de sangue puro, devido a falta de conhecimento da história e a “tibieza do ser”, como já dizia Sérgio Buarque de Holanda. O jurista alemão Rudolf Von Ihering, em “A Luta pelo Direito” traz uma reflexão interessante que podemos tranquilamente transportar para os dias que hoje vivemos: “o que determina o grau de resistência à agressão não é a pessoa do agressor, mas a intensidade do sentimento de justiça, a energia moral com que a pessoa costuma firmar-se”. Vidas pretas importam porque a história importa. Toda vida importa porque somos protagonistas de nossas histórias e nosso agir dentro da história é válvula motriz para a transformação da sociedade.

O Poder das Histórias

Por fim, no mês da Consciência Negra, vimos diversas manifestações em nome não só da ancestralidade, como da própria história. Não passou despercebido, o último dia 22/11/2020, em partida de futebol, válida pela 22ª rodada do Campeonato Brasileiro, realizada no estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Estádio do Morumbi, Vasco e São Paulo duelaram e não passou despercebida a homenagem do clube paulista às diversas personalidades pretas do Brasil. Por mais que ainda assistamos cenas lamentáveis de racismo e desrespeito (toda vênua pelo pleonasma), ainda é possível assistir cenas como a do último dia 22/11. O SPFC prestando sua homenagem e o Vasco, clube que lutou tanto por pretos, como por operários, duelando desportivamente em campo, porém com o máximo respeito, no sentido mais antropológico possível. Cenas assim merecem ser respeitadas e repetidas.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Editora da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2008.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala – Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Editora Global. São Paulo. 2016.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Editora Guanabara S.A., Rio de Janeiro. 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo. 1995.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro – Processo de Racismo Mascarado*. 4ª edição, 2ª reimpressão. Ed. Perspectivas. São Paulo. 2016.

IHERIG, Rudolf von. *Aluta Pelo Direito*. Lumen Juris. Rio de Janeiro. 1998.

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/lembre-os-casos-recentes-de-violencia-policial-contranegros-nos-eua.shtml> (acesso em 28/11/2020).

<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/racismo-taxa-assassinatos-de-negros-cresce-e-cai-para-o-resto-da-populacao> (acesso em 28/11/2020).

<https://www.washingtonpost.com/graphics/investigations/police-shootings-database/> (acesso em 28/11/2020).

O Poder das Histórias

Capítulo III

O Poder das Histórias

O Poder das Histórias no Esporte

Marcio Gabriel Romão⁵

Introdução

Ao receber o convite para contribuir com a temática expresso nesse livro - o poder das histórias - confesso ter pensado em ir em um primeiro momento pelo caminho do lúdico, apresentando minhas experiências dialogando com a literatura por mim escolhida. Posteriormente refletir como os esportes de uma forma geral, oferecem potencialidades para serem influenciadores de forma positiva e, também negativa, na construção de novas histórias de superação e sucesso. Dessa maneira, iniciar um processo de divulgação e utilização de histórias verídicas do campo esportivo, me parece uma possibilidade metodológica para as aulas de Educação Física.

Sendo professor dessa disciplina percebo que em especial nas escolas e em espaços que utilizam os esportes como mediador educacional, como é o caso das Vilas Olímpicas ou Centros Esportivos, que utilizam os esportes e desenvolvem aspectos educacionais. Cotidianamente nós educadores da área somos colocados no posto de atores centrais desses processos, por isso, ter conhecimento empírico é fundamental.

⁵ Mestre em Educação Física pela UFES, Especialista em Educação Física escolar, Graduado pela UFRJ, atualmente professor do Curso de Educação Física e Pedagogia da Faculdade Unilag. Membro do Grupo de Pesquisa LABEC - UFRJ e LABECEP - UNILAGOS.

Utilizamos de um modo geral o esporte como fenômeno social, percebido mundialmente como um canal de desenvolvimento em diversos setores. O esporte pode ser compreendido como um fator que interfere diretamente naqueles que possuem o interesse em sua prática, seja ele profissional ou de lazer. Assim, inegavelmente as mídias de comunicação estimulam o consumo de estilos de moda e de comportamento vividos por atletas, e refletidos no comportamento na sociedade.

Como professor, identifico em todos os espaços que já atuei o discurso de que o esporte é uma forma compreendida pelos seus atuantes de alcançar o sonho e o desejo de mudança social, prestígio através do reconhecimento monetário. É comum essa leitura e crença, contudo, é impossível por questões lógicas que todos esses sonhos não tenham espaço para serem realizados, conforme apontam os estudos sobre peneiras de futebol, modalidade esportiva que mais atrai o interesse de crianças e jovens (Soares et al, 2011).

Além disso, outra questão que tem o esporte como pano de fundo, é a sua utilização para a compreensão de histórias que pontuam a questão da superação. Há esportistas que vencem as barreiras por acreditarem em um ideal, por colocarem fé em seu potencial, e por contarem com uma rede ou estrutura de apoio. Esses esportistas demonstram que é possível ter confiança, empenho, no que almeja. Dessa forma, o êxito se faz presente mesmo ocorrendo situação de complexa de dificuldade (Silva e Rubio, 2003).

Assim, o presente texto tem por objetivo pontuar de forma simplificada a importância de história de sucesso e superação no esporte, que por fim, podem ser exemplos utilizados em espaços educacionais, esportivos e em outros segmentos da sociedade no sentido de inspirar e motivar.

História de sucesso e História de superação

No esporte é comum ficarmos encantados com o esforço corporal dos envolvidos nas atividades para alcançar um objetivo, que normalmente é a superação de um ou alguns centímetros ou milésimos de segundo. Nos esportes coletivos a compreensão tática, o arranjo coletivo, para obtenção da vitória. Há uma entrega corporal durante os períodos de treinamento que duram horas e na maioria dos casos ocorrem entre cinco a seis dias na semana.

Nesse histórico momento pandêmico, todos os campeonatos esportivos foram suspensos e aos poucos o retorno das atividades foram ocorrendo. O campeonato Italiano de Futebol, retornou no dia 20 de junho. Um mês antes as equipes já estavam se movimentando para o retorno, a equipe Juventus, equipe que o astro Cristiano Ronaldo atua retornou dia 19 de maio as atividades.

Segundo o site EXTRA (2020), o jogador retorna aos treinamentos quatro horas antes que seus companheiros, ou seja, ele treina antes de forma individualizadas e posteriormente realiza o treinamento junto com a equipe. Isso simplesmente demonstra como esse jogador em particular, se preocupa com sua profissão e compreende que seu corpo é sua ferramenta de trabalho (Le Breton, 2003).

Tal dedicação gera bons resultados individuais e faz com ele seja reconhecidamente como destaque no esporte que prática e faz com que equipes desejem sua contratação. Ter um jogador desse nível acaba estimulando os demais, fazendo assim, que o resultado seja buscado por todos. Isso acaba servindo como uma forma de estímulo para toda equipe profissional, como para as categorias de base.

Silva e Rubio (2003) apontam que o destaque individual

É bem verdade que todo este esforço físico e mental do atleta para conquistar vitórias e recordes, quando alcançados, é premiado com um imenso prestígio e poder sociais, nacional e até internacionalmente. Some-se a isso a retribuição financeira, em forma de bonificações dos clubes e patrocínios, aumentando a sua condição econômica, favorecendo a inserção e manutenção em espaços sociais desejados desde muito, o que para alguns atletas se constitui como real sentido de vida (Silva e Rubio, p.71, 2003).

Ao observarmos casos como o esse, é interessante percebermos como o início da carreira desses atletas, em especial o futebol, é tão complicado. No Brasil, um meio para conseguir ter ascensão no esporte é a participação em processos de seleção chamados de peneiras ou peneiradas (Soares et al, 2011). São testes em que os atletas são avaliados em diversas etapas, muitas etapas ocorrem o dia por inteiro e mais de um dia apenas.

Mas, não apenas no futebol ocorrem casos de sucesso e superação. Romão (2015) em sua dissertação de mestrado, entrevistou 17 atletas de diversas modalidades esportivas, e identificou questões relacionadas a falta de patrocínio, dificuldade no início e durante a carreira, necessidade de suporte familiar.

O caso do nadador Garbe chamou atenção, pois ainda quando criança desenvolveu meningite, e devido a ação da doença teve que amputar uma das pernas. Garbe iniciou os treinamentos em natação, em um Centro de Treinamento em São Paulo. Vindo de uma família humilde, não teve apoio da família, assim, os treinadores identificando suas qualidades

decidiram custear os valores para o deslocamento para os treinamentos e competições.

Os resultados foram acontecendo e, a partir desses resultados Garbe, começou a conseguir resultados que o credenciavam para concorrer a bolsa de auxílio financeiro. Assim, quando o entrevistei era Bolsa Atleta estudantil. Hoje com o passar dos anos o atleta é bolsa pódio do Governo Federal e medalhista de ouro no último panamericano realizado em Lima, no Peru. Possui independência financeira e ajuda outros esportistas com múltiplas deficiências.

Considerações

É fundamental professores terem conhecimento dessas histórias, elas têm o poder de incentivar. As histórias levam conhecimento e despertam reflexões sobre um determinado tema.

Entendo ser fundamental levar essas histórias midiatisadas como a do atleta da Juventus e as do nadador que o grande público não tem conhecimento para escolas e centros de treinamento, que está na ponta almejando ascensão deve ter o conhecimento de que não é fácil. As histórias aqui apresentadas têm o esporte como palco, e diferentes atores construindo suas cenas.

Como educador, visualizo um projeto de extensão que possa apresentar essas histórias e outras, assim como, ouvir os participantes não apenas no cenário esportivo, mas sim, no sentido amplo das áreas sociais.

Trazer ao conhecimento questões relacionadas a formação esportiva, para que ocorra debates sobre o tema é funda-

O Poder das Histórias

mental. Hoje a única Lei existente sobre o tema é a Lei Pelé, e mesmo assim, somente abraça a modalidade futebol.

REFERÊNCIA

- Cristiano Ronaldo volta aos treinos na Juventus quatro horas antes dos companheiros. Extra, 2020.
<https://extra.globo.com/esporte/cristiano-ronaldo-volta-aos-treinos-na-juventus-quatro-horas-antes-dos-companheiros-24459889.html>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.
- LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Campinas: Papyrus, 2003.
- LUCIA, M; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 3, n.3 p. 69-76, 2003.
- SOARES, A. J. G. et al. Jogadores de Futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

O Poder das Histórias

Capítulo IV

O Poder das Histórias

O poder das histórias literárias como meio de formar cidadãos alfabetizados, letrados e atuantes

Eliana Aparecida de Andrade⁶

Quem nunca ouviu falar da história de Alice “No País das Maravilhas” escrita por **Lewis Carroll**? Neste livro, **como sabido, uma menina cai na toca do coelho branco e decide segui-lo em sua jornada. Aprendemos experiências maravilhosas. Outra história maravilhosa é a do livro “O Pequeno príncipe”** do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, onde podemos aprender muitos valores humanos. Ainda podemos citar as histórias dos contos de fadas como: “A bela adormecida”, “Cinderela”, “Branca de Neve”, “Rapunzel”, “A gata borralheira”, etc. Dentro deste contexto, as fábulas e poesias. São histórias marcantes de nossa literatura clássica, que passam a fazer parte de nossa memória coletiva. Não podemos esquecer as histórias orais regionais como do “Saci-Pererê”, “Mula sem cabeça”, “Negrinho do Pastoreio”, “João e Maria”, etc. contados pelos nossos pais e avós. Ainda contamos com histórias individuais e coletivas que marcam nossas memórias e nos fazem refletir situações do nosso dia a dia. As

⁶ Graduação em Ciências Sociais e Pedagogia (Orientadora Educacional); Psicopedagoga e Mestre em Sociologia. Professora de História, Sociologia e Disciplinas Pedagógicas da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro; Coordenadora Educacional do Instituto Jesus Eucarístico-RJ; Psicopedagoga em consultório com ênfase processo de alfabetização.

marcantes histórias dos filmes, novelas e desenhos animados, sem falar das produções eletrônicas. Portanto, histórias infantis, histórias mitológicas, passagens religiosas, histórias da cultura local, contos culturais, lendas regionais, rituais comemorativos, histórias individuais e coletivas, nas quais trazem narrativa com uma mensagem. São elas que provocam o envolvimento necessário, prende a atenção, traz a compreensão e cria registros verdadeiros na memória.

Neste contexto, é vasta a discussão envolvendo esses processos produtivos, e não atinge um consenso. Afinal, entra-se no seguinte ponto: é possível atribuir uma função a essas narrativas? Frequentemente nos deparamos com alunos que não compreendem a função da literatura: é comum ainda é a expressão “leitura não é comigo”, no sentido do acesso ao texto literário. Ou diante das histórias orais a fala de adolescentes: “não quero saber sobre essas histórias de seu tempo”, ou ainda, “sua história individual não me interessa, pois hoje os tempos são outros”. Portanto, há um negacionismo da história do outro ou do passado.

Alguns autores têm frases clássicas sobre a importância de saber sobre História (aqui a entendendo no contexto científico):

George Santayan: “Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la”. Podemos dizer que se o povo não conhece a história pode repetir erros, bem como não poderá não transformar a realidade.

Eduardo Galeano: “A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la”. Portanto, conhecer a realidade nos leva a modificá-la e, para saber sobre a realidade, temos que buscar a sua história.

Marc Boch: “A incompreensão do presente, nasce fatalmente da ignorância do passado”. Portanto, não saber sobre a história do passado, nos limita sobre o entendimento do presente.

Para concluirmos esta reflexão, ressaltamos que é muito importante buscarmos para nossa aprendizagem diferentes tipos de narrativas, as quais são *recheadas* de histórias e conhecimentos incríveis, sejam elas reais, literárias, imaginárias, etc. que nos servem de base para sermos cidadãos atuantes.

Neste nosso artigo, focaremos sobre os gêneros textuais para as crianças e adolescentes. Este é um assunto polêmico nos meios educacionais, principalmente entre os professores. A grande discussão é de como os clássicos da literatura chegam às escolas? Para atender demanda das crianças e adolescentes muitos clássicos são adaptados visando um público com uma menor leitura cultura literária. Não é incomum encontrarmos versões d’*A Ilíada*, poema épico, em prosa. *Dom Quixote*, *Frankstein* e tantos outros aparecem em versões quase infantojuvenis, em algumas versões. Mas aqui o foco será as histórias literárias como meio de formar cidadãos alfabetizados, letrados e atuantes.

Todo escritor de obras literárias, seja ela infantojuvenil ou para adulto, tem um público alvo a ser atingido. Como sabido, os textos literários passaram a surgir em formas de livros, com a Revolução Industrial, juntamente com o surgimento da burguesia e o vislumbrar de que os indivíduos tem uma infância. Neste momento, portanto, surgem os escritores, que se utilizam da máquina de imprensa, e buscam reunir relatos contados oralmente em compêndios escritos, como forma de difundir a cultura, de reproduzir valores e de controle social.

Por outro lado, como colocado no texto “A estética da recepção na literatura infantil: sensibilizando para as questões

O Poder das Histórias

das diferenças”, de Daniela Corte Real, a literatura dá à criança um empoderamento, isto é, dá a ela um conhecimento de mundo e aumenta suas possibilidades para interagir sobre a realidade.

48

Os contos de fadas, por exemplo, contam sempre uma história de uma moça bela, a procura de um príncipe, que é invejada por uma mulher feia e má. Nestes contos, sempre tem uma ideia para formar no leitor que tem que ser uma menina boa e bela para encontrar um príncipe belo e rico. Na história de “Capeuzinho Vermelho”, há uma ideia de reforçar um controle sobre a criança: na floresta tem um lobo que come crianças, portanto, não vá para a floresta. Na própria história dos “Três Porquinhos”, além de passar conhecimentos dos elementos de como construir uma casa, há também a formação de valores como no momento em que o lobo da casa de tijolo dá abrigo para aos dois irmãos que perderam sua casa.

No Brasil, o grande representante da literatura que escreve os contos orais é Monteiro Lobato. Nos relatos rurais tão bem elucidadas por este autor, as histórias contadas tinham um objetivo pedagógico de passar valores, cultura e dar limites às crianças. Aqui gostaria de ressaltar a importância dos contos orais para o letramento de crianças que passaram pelo êxodo rural da década de 80. Esses contos orais levavam à imaginação das crianças, que ao entrar em contato com as letras no processo de alfabetização, puderam recontar as belas histórias contadas por seus avós e pais, ampliando assim, a sua visão de mundo.

Histórias escritas pelos escritores da literatura infantojuvenil ou histórias contadas por aqueles que não têm acesso aos livros, são fundamentais para desenvolver o letramento das crianças e proporcionar-lhes meios para transpor as barreiras e transformar a sua realidade.

A literatura infantojuvenil tem por objetivo servir como um agente formador. Diante disto, a escola e o educador tem um papel importante na alfabetização e letramento das crianças e jovens. Portanto, a literatura infantojuvenil leva os sujeitos a compreenderem e refletirem sobre si mesmos, a entenderem a realidade social em que estão inseridos, explorar o mundo imaginário, bem como entram em contato com a escrita (alfabetização) e a leitura (letramento).

Como coordenadora pedagógica da Educação Infantil (crianças de 3 a 5 anos), 1º ano e 2º ano do Ensino Fundamental (crianças de 6 e 7 anos), a leitura de uma história para contextualizar os ensinamentos ao longo da semana é uma prática docente da escola. A escola implementa a leitura como forma para ajudar na formação dos alunos em no desenvolvimento da escrita e da leitura.

Na Educação Infantil o foco se dá na exploração das habilidades auditivas e imaginárias. O aluno ouve e reconta as histórias infantis. Os livros e caixas com fantoches são deixados em locais que as crianças possam manipulá-los, com objetivo de criar interesses e aprendizagens.

No 1º ano do Ensino Fundamental a semana sempre tem início com uma história infantil. A partir dela, as crianças passam a reconhecer palavras, sílabas, letras e sons. Ela é utilizada para ensinar a criança a fazer o movimento das letras, bem como mostrar que as palavras são compostas por letras que tem um nome e formam sons quando se junta consoantes e vogais. Portanto, a histórias da literatura são usadas para alfabetizar. Já no 2º ano também se apresenta as histórias para contextualizar. Mas nesta fase o foco é o desenvolvimento da leitura e produção textual, em que possibilita os alunos a recontarem histórias e produzirem suas histórias.

A escola ao optar por esta metodologia de ensino a partir das histórias literárias infantis pretende inserir as crianças que não tem contato com os livros em casa ao mundo da leitura, bem como reforçar as visões de mundo dos alunos. Portanto, a escola adota a literatura infantojuvenil como um meio formador de sujeitos escritores e leitores, contribuindo também para a formação da criticidade e de indivíduos que possam intervir na realidade para modificá-la.

A seguir faremos uma reflexão metodológica de três gêneros literários: fábula, livro literário e fanfic, os quais acompanho a aplicação na escola pelos professores.

A fábula é um gênero literário dissertativo e narrativo. É um tipo textual usado para crianças devido ao seu caráter fantástico e lúdico, bem como para adultos para transmitir uma lição moral. Ela nos ajuda a fazer uma análise crítica sobre o ser humano, pois observamos diferentes conceitos sobre as virtudes humanas: amor, caridade, paciência, prudência, responsabilidade, liberdade, etc. Ensinam-nos saberes científicos e linguísticos. Por exemplo: na fábula “O lobo e o cão”, há uma narrativa com a seguinte divisão: **situação inicial** no momento em que o lobo e o cão se encontram, onde o lobo faz uma descrição de como o cão se apresentava; **conflito** a partir do momento em que o lobo decide seguir o cão e descobre que o cão tinha marcas no pescoço e, ficou sabendo pelo cão, que eram marcas da coleira que amo colocava para deixá-lo preso durante o dia; e o desfecho que ocorre a partir do momento que o lobo decide não querer perder sua liberdade.

Além desta narrativa, a fábula também apresenta uma temática dissertativa, pois tem uma moral. Esta característica visa instruir o ser humano. Leva a uma interferência no comportamento humano. Na vida cotidiana o ser humano sempre tem que tomar decisões. No caso acima, a escolha do lobo (ser humano) foi ficar livre e ficar com fome quando não encon-

trasse a caça. Portanto, na fábula o signo “amo” apresenta um significante diferente para o lobo e o cão: para o primeiro a prisão e para o segundo vida plena. Portanto, a fábula é um tipo de texto interessante para sala de aula: é curto, lúdico, divertido, com histórias interessantes, é um tipo de texto bastante antigo historicamente falando e forma valores. Além de proporcionar em um só texto dois tipos de gênero literário: um narrativo e outro dissertativo.

Os livros literários também favorecem bastante a formação dos sujeitos sociais. Segundo Bakhtin, filósofo da linguagem, o discurso literário está associado ao discurso ideológico. Portanto, os gêneros escritos, assim como os discursos orais, são carregados de ideologias e visões de mundo. No livro o “Menino Marrom” de Ziraldo há toda uma discussão sobre a literatura infantojuvenil afrobrasileira, que muitos desconhecem. Mas ela existe, e, passa por uma invisibilidade, principalmente na escola, local onde se deve motivar e formar leitores diante das dificuldades de um público leitor infantojuvenil nos grupos familiares.

A escola como formadora de leitores ignora os poucos livros que existem sobre o “pertencimento”, “visibilidade” e “representatividade” do negro na literatura. Aliás, há na escola um esvaziamento da formação leitora dos alunos. Vemos uma total desvalorização dos textos literários brasileiros. Sou ainda de uma formação de ter lido Aluísio de Azevedo (O Mulato, O cortiço e Casa de Pensão), Machado de Assis (Dom Casmurro), Navio Negreiro de Castro Alves, entre outros. Hoje, as bibliotecas das escolas têm esses clássicos, porém os professores quase não indicam para leitura e, portanto, não fazem projetos para mostrar o conteúdo dessas narrativas.

Em relação ao livro o “Menino Marrom” de Ziraldo, é leitura indicada para uma reflexão polêmica e que necessitamos fazer na escola. Ressalto que diante de toda a minha experiên-

cia em escola pública e privada na cidade do Rio de Janeiro, não conhecia este maravilhoso livro. É de fundamental importância a leitura deste livro pela criança e adolescente, pois retrata uma forma colorida e alegre da cor da pele, desmascarando preconceito racial.

Ziraldo ao longo do discurso literário da história passa a dificuldade que temos de definir as cores. Segundo ele, é difícil definir as cores na própria natureza, principalmente a cor preta. Não há elementos. Cita este exemplo quando descreve o olho do personagem como sendo “preta, igual jabuticaba”. Demonstra ali para a criança e adolescente que a jabuticaba não é preta, mas sim roxa bem escura. O mesmo vai falar em relação à cor da pele do personagem: marrom, cor de chocolate. Ainda para falar da dificuldade de definir a cor, cria outro personagem de cor de pele rosa. Mas a grande demonstração da dificuldade de definir a cor é a experiência no laboratório da escola vivenciado pelos dois personagens, que ficaram confusos sem saber definir as cores quando misturadas.

O livro passa para o leitor que não há diferença entre as cores. Nossos olhos veem na natureza uma infinidade de matizes de cores, que ao observá-las é difícil uma definição. Então, como definir uma cor para o ser humano? A leitura passa que os seres humanos são portadores de uma cor, tal como qualquer outro elemento da natureza. É uma diversidade. Passa para o leitor que não há uma cor superior a outra. Todas as cores formam o colorido da vida. É importante principalmente para as crianças afrodescendentes, que carregam na sua história de vida os estigmas de um ser humano invisível à luz dos detentores de poder e de dominação.

Mostrar a verdadeira história e valor dos afrodescendentes é um dever de todos nós formadores de mentes de nosso país. Portanto, a escola tem um papel fundamental em mostrar às crianças e adolescentes livros literários que tratam

o tema valorizando o verdadeiro sentido da contribuição africana na formação de nossa cultura: religião, música, literatura, artes, enfim, valorizar os aspectos positivos deste povo que tanto contribuiu para a sociedade brasileira, trazendo brilho, cores, ginga, alegria e motivação diante de tantas superações e a miscigenação do nosso povo.

Outro gênero textual bastante discutido e aplicado é o fanfic. Com o advento dos computadores e da internet, com a criação do ciberespaço, surgem hipertextos que se interligam e oportunizam a comunicação instantânea entre todos os emissores e receptores de mensagens, democratizando o acesso e a produção instantânea de informações em uma sociedade planetária. Neste contexto, o tempo e a distância se relativizaram e programas de computadores, celulares e games são criados para tipo de público ativo, questionador, conectado ao mundo com um click.

Como que ficou a escola neste contexto? Podemos responder esta pergunta dizendo que na escola há uma resistência em abandonar métodos utilizados há séculos. Nesse sentido, a escola não valoriza os diversos letramentos da própria comunidade em que o estudante está inserido. Com isso, os estudantes estão perdendo o interesse pela escola por ela apresentar o ensino baseado na linearidade, em uma única linguagem (norma padrão), e deixar de valorizar as múltiplas linguagens que surgem com a tecnologia. Um caminho para a escola é utilizar o gênero textual fanfic, que é um termo reduzido que significa “ficção de fã” e faz parte da cultura pop. É construído de maneira essencialmente colaborativa e também hibridiza a cultura popular e a literatura clássica. Devemos considerar que a hipertextualidade está contida neste gênero textual por fazer parte do texto digital que une som, imagem e palavra escrita.

O Poder das Histórias

Para produzir o gênero textual fanfic é necessário trabalhar com a multimodalidade, onde há a integração, dentro de um meio, de três linguagens: oral, visual e textual. Ou seja, a multimodalidade envolve combinações dessas mesmas linguagens, como fala, gestos, texto, processamento de imagem ou vídeos, e a coexistência de duas ou mais modalidades de comunicação. A partir deste gênero textual são produzidas ficções por fãs, que utilizam uma história ou personagens de um determinado trabalho já existente para criar sua própria história baseada nele. A história original pode ser um romance, série, filme, história em quadrinhos, animação e jogo. Na escola em que sou coordenadora, adolescentes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio é um sucesso.

Portanto, na escola o gênero textual fanfic pode ser utilizado para estimular a leitura de obras literárias, além de estimular a escrita. Ou seja, ao recriar a história de seu personagem favorito, ele tem que reescrever e, ao fazer isso, desenvolve a escrita, pois entra em contato com as variações linguísticas e processos de formação de palavras. Enfim, fazendo uso deste gênero textual, a escola resgata o interesse o aluno para a leitura de livros de nossa literatura, fazendo tornar uma realidade a frase de Monteiro Lobato: “um país se faz de homens e livros”, para transformar a realidade de nosso Brasil.

Enfim, partimos do princípio de que a leitura leva a uma interpretação do mundo e a uma interação social e, que ler não é um ato de ler um livro, mas sim um ato de ler o mundo a partir de várias práticas de leitura, é direito de todos que a leitura seja direcionado para proporcionar este ato. Portanto, seja na escola, na família, nas bibliotecas ou em quaisquer outros espaços que tenham livros, boas literaturas devem estar ao alcance de todos. Diante disto, as adaptações de clássicos não devem fazer parte, pois a leitura dos clássicos do acervo literário, possibilitará várias interpretações do mundo,

aquisição de conhecimento de novas palavras e aumento do vocabulário, emancipação e inclusão social e formação de novos escritores.

A leitura de livros adaptados leva o indivíduo a ter uma leitura superficial, sobressaindo às questões óbvias do texto. Já a leitura de textos originais dos clássicos da literatura proporciona uma leitura essencial, levando o indivíduo à emancipação social, política e econômica. A leitura essencial proporciona a cidadania plena.

A leitura de clássicos da literatura pelo aluno brasileiro contribui para o domínio linguístico e interpretações da realidade em que vive. Mas a grande questão é: como atingimos os alunos brasileiros? Em resposta a esta pergunta acreditamos que para atingir e formar um leitor pleno devemos mudar a forma como a leitura é conduzida em sala de aula. Os professores devem partir de uma forma lúdica de ver a literatura, mostrando para o aluno que a leitura e descoberta de novas palavras é como se fossemos investigadores que buscam a descoberta de algo. Partindo do pressuposto, que a leitura é um jogo para descobrir algo. Mas devemos ressaltar que o professor também é pobre no entendimento literário, o que o torna inseguro em sala de aula e muitas vezes resistem na indicação de bons livros de nossa literatura. Outro fato interessante a ser considerado, é que quando se faz a leitura de clássicos, as orientações visam atender apenas exigências de vestibulares e não o gosto pelo emocionante mundo das descobertas da leitura.

Na contra mão de formação de bons leitores e indivíduos emancipados, temos as políticas públicas que não favorecem: poucas bibliotecas públicas, incentivos à produção de livros adaptados, pouco investimento em formação docente e força de resumos, adaptações, resenhas e comentários de li-

O Poder das Histórias

vros nas redes sociais que afastam os alunos brasileiros ainda mais da leitura dos clássicos da literatura brasileira.

56

Concordamos que os livros de nossa literatura devem ser disponibilizados aos alunos sem adaptações, pois a leitura em sua forma plena proporcionará aos nossos alunos uma emancipação social, política e econômica, além de formar bons leitores e motivar novos escritores para contribuir e dar continuidade a nossa história cultural mundial. Para tal, mudar a visão das políticas públicas de incentivo à leitura, pois ler uma boa história faz parte da construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE**, Gênese. Literatura infantil. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.
- AYALA, M.; AYALA, M. I. N.** Cultura popular do Brasil. São Paulo: Ática, 2002.
- BETTELHEIM**, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- BAKHTIN**, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4ª ed. Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARTHES**, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BORGES, M. K.; AVILA, S. L.; SILVA, C. G.** Crianças, leitura e cibercultural: os tipos de leitores e navegadores no Ensino Fundamental I. Disponível em: . Acessado em 15 jan. 2019.
- CANDIDO**, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, A. C. R. (Org.) Direitos humanos E... São Paulo: Brasiliense, 1989. CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. A literatura infantil: visão histórica e crítica. 3. ed. São Paulo: Global, 1989.
- CALVINO**, Ítalo. Por que ler os clássicos. Disponível em:. Acessado em: 3 jan. 2019.
- DARNTON**, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- GONÇALVES**, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HALMENSCHLAGER, Sue Ellen de Lima Calvário. Material impresso e gêneros textuais: princípios e meios de comunicação para aprendizagem. São Paulo: Saraiva, 2015.

JOUVE, Vincent. A leitura. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

LEITE, Lhais. O contexto histórico da literatura infantil. Disponível em: . Acessado em: 2 dez. 2018.

REAL, Daniela Corte. “A estética da recepção na literatura infantil: sensibilizando para as questões das diferenças”. IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Londrina, Outubro, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. A formação do leitor no Brasil: o novo/velho desafio. In: PRADO, Jason e CONDINI Paulo (org.) A formação do leitor: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 2012.

SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade: dez. 2010, v. 23. no 81, pp. 141-160.

Capítulo V

O Poder das Histórias

O contar: o poder das histórias

Francisco de Assis Silva Argolo⁷

RESUMO: Quando ensinamos vemos o poder que existem em histórias bem contadas. Contar sempre fez parte da vida humana. Nossos antepassados contavam, escreviam e ensinavam com o que desenhavam.

Inúmeros são os registros históricos que nos levaram a ter a história contada pelos homens que nos sucederam como a História da Humanidade, por isso contar sempre foi e será um poder, uma arte.

PALAVRAS-CHAVE: CONTAR; HISTÓRIA; HUMANIDADE; HUMANOS; VIDA.

RESUME: When we teach we see the power that exists in well-told stories. Telling has always been part of human life. Our ancestors counted, wrote and taught with what they drew.

Countless are the historical records that led us to have the story told by men who succeeded us as the History of Humanity, so telling has always been and will be a power, an art.

KEYWORDS: TELL; STORY; HUMANITY; HUMANS; LIFE.

⁷ Graduação em Pedagogia pela Universidade Anhanguera - UNIDERP, Especialização em Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar e Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Educação São Luiz - email do autor: tstprof.franciscoargolo@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Quando estamos em uma sala de aula, o Poder das Histórias é nosso, professores, educadores, todos a serviço da educação, do mistério magistério, arte que reúne personagens, às vezes, anônimos, esquecidos em cada sala de aula, em cada ano, em cada ciclo.

Como professores sabemos bem o que é o esquecimento, seja nas aferições de avaliações, cujas soluções padrões precisam ser exauridas, como bem nos ensinou o grande mestre Céres em sua obra *Medidas e Avaliação em Educação*, donde extraímos que testar muitas vezes requer saber e saber é necessário ter a solução padrão, mas será que esse padrão é o que apropriará no conhecimento o aluno?

Digamos que uma solução padrão exaurida entre mestres, numa prova de exatas terá apenas uma questão e essa parte da resolução que o professor deu, mas, numa área de humanas, as soluções podem ter inúmeras interpretações e essa tarefa é a arte que o docente necessitará aprender.

Os tipos de avaliações, os parâmetros a serem conseguidos com elas e como o professor irá interpretar, são tarefas que em cada sala divergem, nem sempre um docente terá mesma avaliação, visto que com seus métodos, aqui entendidos “didáticos” e abordagens, poderão influir numa série de concepções já que com suas avaliações teremos de um lado a aferição da nota do aluno e de outro o quanto esse mesmo aluno se apropriou do conhecimento do professor e todos esses parâmetros são e devem ser analisados em conjunto.

Assim, “o contar” tem fator importante, já que devemos nos ater ao que contamos e como os alunos se apropriam de um conhecimento, nesta tarefa, a forma como apresentamos

uma dada situação pode influir sobremaneira em determinado assunto.

Aqui será apresentado como contar uma história de uma ação prática pode mudar ou mesmo contribuir para que determinada aprendizagem seja apropriada.

2. AS SALAS DE AULA

As salas de aulas nos cursos técnicos têm aprendizes ávidos por conhecimento. Nessas salas, há um costume de nós, professores originários de áreas específicas de conhecimento, trazeremos nossas histórias profissionais. As histórias podem e devem ter como ponto de início, alguma ação prática e isso, ocorrido, enriquece uma aula.

Algumas experiências podem ser vividas, de forma efetiva e prática, quando um professor de uma área técnica, por exemplo, de Meio Ambiente, tráz para a sua sala as histórias que viveu, as resoluções de contingências ambientais, ou mesmo os planos de gestão ambiental que eventualmente tenha gerido.

Nesse cenário, o contar, se eleva de um poder grande, já que ele terá a prática e o aluno à teoria, a história, os vários cenários que permeiam o imaginário, que apenas se materializará quando da sua entrada na efetiva prática, ou seja, começar a trabalhar.

Podemos inferir que uma boa história contada, uma boa prática profissional vivida, que requereu uma enorme gama de resoluções, poderá se materializar em manuais dos quais esses educandos terão como exemplo a seguir.

Nessa atmosfera, uma sala de aula é um legítimo laboratório do pensar, cujo professor tem o papel de ser o cientista, testando uma gama de experimentos e estes estarão se materializando com as suas histórias bem contadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar é a arte de chamar a atenção das pessoas para fatos passados. Esses fatos podem ser as histórias vividas, as práticas efetuadas ou mesmo os “que fazeres”, como bem testou Freire em suas pesquisas e com essas histórias temos o papel fundamental de influir na vida de educandos com histórias que com nossos antepassados, serão lançadas na linha do tempo e lembradas por muitos anos.

REFERÊNCIAS

DA SILVA, Céres Santos. *Medidas e Avaliação em Educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. 44 p.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 149 p.

_____. *Educação e mudança*. tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (34a ed.). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo: Loyola, 1983.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. *História e Memórias da educação no Brasil – Século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luísa; NORONHA, Olinda Maria. *História da Educação: A Escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994.

O Poder das Histórias

Capítulo VI

O Poder das Histórias

Literatura: um instrumento indispensável na arte do ensinar

Soraia Cristina da Silva Correia⁸

Aqui apresenta-se a importância do ato de contar histórias no espaço escolar favorecendo na aprendizagem e no desenvolvimento da atenção e do raciocínio, sendo esta uma estratégia facilitadora para discutir temas abordados no ambiente escolar e despertar o interesse da criança com o mundo letrado.

A Literatura Infantil proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutíveis. Segundo Abramovich (1997) quando as crianças ouvem histórias passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo.

Muitas vezes as crianças ingressam no ambiente escolar já na fase da alfabetização sem ao menos conhecer as letras e outras por terem poucos recursos em casa ou até mesmo sem incentivo dos pais, assim trazem poucas “bagagens”, gerando

⁸ Formada no Curso de Magistério Normal pelo Colégio Estadual Carmela Dutra desde 1991. Há mais de 25 anos atuando como alfabetizadora, professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na rede pública e privada de ensino. Atualmente leciona como Professora de Educação Infantil no Município do Rio de Janeiro. Iniciou o Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e atualmente cursa Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar.

atrasos no processo da alfabetização. Essas dificuldades que as crianças apresentam com a escrita e a leitura acabou em um problema que precisava ser atendido com soluções imediatas em meio à educação. Deve haver uma preocupação em apresentar bons instrumentos para auxiliar a formação dessas crianças que seriam alfabetizadas. Logo, o gosto pela leitura se dá pelo convívio com o mundo da escrita, das imagens e sons e quanto maior for o contato da criança com livros, histórias ou outros materiais escritos mais eficaz será o desenvolvimento desse indivíduo. É importante que se busque uma análise reflexiva das práticas pedagógicas.

Freire destaca que “... na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática”.(1996 ,p.43-44).

Sabendo da importância de estimular as crianças desde pequenos pelo prazer da leitura mesmo que eles não saibam ler um livro pode significar para eles novas descobertas, dando a elas o imaginário e real, o brincar e o faz-de-conta vão se tornando presentes. É preciso criar estratégias para que as dificuldades sejam sanadas e o interesse pela leitura despertado.

Para Meirelles [...] é a Literatura Tradicional (literatura oral) a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. (Meireles, 1979, p.66)

O manuseio de livros, os contos de fadas, a Literatura Infantil, devem fazer parte da vivência das crianças assim como falar, escrever e contar, pois os mesmos podem despertar nelas sentimentos, despertar a sensibilidade, aguçar o imaginário, ajudar no desenvolvimento da oralidade. Recontar histórias e acrescentar palavras ao vocabulário também fornece auxílio na alfabetização, é preciso despertar na criança o gosto pelo ato de ler fazendo a interação desta na vivência social, pois ler também representa uma dimensão da inclusão social.

Em nosso meio há bons recursos didáticos para auxiliar as crianças em suas fases de desenvolvimento, mas os livros literários entram como suporte e auxílio para o projeto desenvolvido em sala de aula, eles se encaixam perfeitamente na etapa da alfabetização (e em todas as outras), pois apresentam imagens atrativas, mil cores, animais, plantas, o tempo, o dia e a noite, objetos, formas geométricas, bichos, humanos, figuras, letras e suas várias formas. Somente com auxílio de um livro a criança pode aprender uma grandeza de coisas.

Os livros nos dão a oportunidade de viajar sem sair do lugar, idealizar lugares não existentes, imaginar lugares espetaculares, desenvolver a capacidade criadora, portanto a leitura para as crianças apresenta diversos auxílios na fase da alfabetização e letramento. A alfabetização é o processo onde a criança aprende a decodificar os elementos da escrita e desenvolver a competência de memorização do alfabeto, do encontro das letras, das junções das sílabas e formação das palavras e utilizá-las na leitura e escrita. Enquanto o letramento diz respeito a um contexto mais amplo, o indivíduo torna-se apto a compreender e interpretar um texto, a organizar seus discursos e a refletir sobre eles. Alfabetizar e letrar devem acontecer de forma paralela.

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabeti-

zado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive no estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 1998, p.39,40)

Pensando em todo esse processo, nas crianças como seres sociais e o desejo delas pelo mundo mágico das descobertas da leitura e da escrita, decidiu-se desenvolver com a turma um Projeto de Leitura.

À medida que vai descobrindo que as palavras escritas no livro servem para nomear as coisas, os seres e também para expressar emoções, sentimentos, etc. Ela gradativamente descobre que tudo que é falado pode ser escrito. Alfabetizar com o lúdico permite a compreensão diferenciada no comportamento e desenvolvimento dos alunos, tornando esse processo cheio de significados.

[...] o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letrados na fábrica como “perigo”, “atenção”, “cuidado”, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é o suficiente. (GADOTTI, 1988, p. 17).

A princípio, os alunos escolhiam o nome do Projeto (por meio de votação), a professora selecionava cuidadosamente as obras literárias que iriam o compor. Toda turma era convidada a participar da Tarde Literária escolhendo um personagem da Literatura Infantil e caracterizando-se desse personagem. A intenção era permitir a construção da criatividade, do imaginário e favorecer no desenvolvimento de diferentes habilidades e até mesmo melhorar a autoestima, assim era dado início ao trabalho. Semanalmente (muitas vezes sendo desenvolvida até mais de uma vez por semana) os alunos levavam uma sacola para casa com um livro e um caderno com atividades dirigidas, para serem realizadas com ajuda do responsável, este era um momento de muito prazer e todos tinham a oportunidade de escolher o livro que mais despertasse interesse. Com o retorno do livro era o momento de incentivá-los a recontar a história (registrado pela professora) ou até mesmo dramatizá-la. Também era proposto os encontros das Rodas de Leitura em que as famílias podiam participar lendo ou recontando uma história para turma, integrando-as no processo de valorização da leitura, entre outras tantas ações propostas nesse Projeto. Logo, era notável a evolução dessa relação criança e livro, tendo resultados positivos na leitura e escrita. Era dada a oportunidade da criança levar um livro para casa e experimentar a emoção de sentir-se importante ao conseguir contar uma história (a princípio lendo as imagens) ao seu colega e/ou familiar. A interação criança e livro se faz importante dentro ou fora da instituição escolar, proporcionando experiências únicas e prazerosas. Zilberman (2010) nos relata que as pessoas aprendem a ler antes de se formar alfabetizados, pois o mundo se transmite pelas letras e imagens.

O momento mais aguardado pelos alunos era a Culminância do Projeto, que acontecia no final do ano letivo. Naquele momento eram exposta as principais atividades desenvolvidas no decorrer do Projeto, tais como: produções textuais,

O Poder das Histórias

reescrita de histórias, fotografias e sempre era apresentado aos convidados a biografia de autores da Literatura Infantil. Contávamos também com a participação dos pais, Equipe Pedagógica e Contadores de Histórias.

74

A leitura não pode limitar-se a uma única expressão, mas diversificar as suas múltiplas linguagens. Portanto, ao compartilhar o momento da leitura, a criança fortalece seus laços afetivos, aprende a lidar com as suas emoções, enriquece o seu vocabulário, desenvolve habilidades de comunicação, concentração e disciplina.

REFERÊNCIAS

BECKER, Magda Soares; Augusto, Antônio Gomes Batista. Alfabetização e Letramento Ceale Centro de Alfabetização Leitura e Escrita FaE/UFMG, 2005.

SOARES, Magda, Letramento: um tema em três gêneros/ Magda Soares, Belo Horizonte: Autêntica, 1988, 12.

GADOTTI, Moacir. O que é ler? Leitura: teoria e prática. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. Curitiba – PR: editora Ibpex, 2010. 257 p.11- 195.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler, 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. São Paulo: Summus, 1979.

O Poder das Histórias

Capítulo VII

O Poder das Histórias

Não se engane: Isto é a denúncia de uma farsa!

Rodrigo Sava⁹

Raiva é um sentimento que dá e passa. Mentira. Estou sempre com raiva. Se o narrador estivesse escrevendo isso, com certeza ele agora diria alguma gracinha sobre o Hulk. Eu não diria nada, é claro. Especialmente porque é uma marca registrada, não é algo que se possa sair citando por aí, sob pena de receber um processo na Justiça. Posso ter sido uma idiota a vida inteira, mas disso eu sei: O narrador vai receber uma visitinha de um Oficial de Justiça. “Senhor narrador, certo? Toma um processinho nas costas, querido. Cortesia de você sabe quem”. Sim, qualquer um verá. Chega de usar os outros, chega de fingir coisas que não aconteceram. Chega de querer dizer a todos o que fazer. Ele se acha muito correto, crê estar sempre certo. O senhor de todas as coisas, o sabe-tudo, o dono da verdade. Vai ver só. Vou jogar tudo no ventilador. E não apenas em um futuro processo. Aqui e agora, pra quem quiser ver, ler, ouvir, o diabo que for. Se Deus quiser, um dia vejo tudo exposto, de banca de jornal até boca de youtuber. Mas eu estou digressionando... Se bem que é mais ou menos o que vou fazer. Até porque sou obrigada a isso. Veja, é ele quem está me forçando a revelar tudo, e é o que farei, tintim por tintim. Ele não possui limites. Se deixarem, até sobre isso

⁹ Rodrigo Sava tem 40 anos, livros esperando serem lidos, um periscópio, quadrinhos nas estantes e um capacitor de fluxo. É tudo mentira, exceto uma coisa. Aliás, é o contrário.

aquele degenerado escreveria. Só que não irá. A depender de mim, ele não redigirá mais uma linha. E, diferente dele, assumo o compromisso de pôr no papel exatamente o que penso. Vou começar da maneira mais simples possível. Com um parágrafo.

Isto aprendi com ele: Pausas sempre são necessárias. Dar um fim a elas também, assim como a qualquer coisa que começarmos. Não há nada pior que andar em círculos. É preciso pôr tudo pra fora de uma vez, sem travas, e acabou. Ou terá sido tudo encenação. É nisso que ele é especialista. Constrói um mundinho que parece tão bonito, te convida a entrar suavemente, como quem não quer nada. Quando percebemos, estamos envolvidas com pessoas que não conhecemos, com lugares para os quais nunca iremos. E ele te enrola de jeitos que você nem imagina. Deixa as luzes acesas nos locais escuros, altera as formas dos objetos, coloca lentes de aumento para enxergarmos o brilho na carapaça dos insetos. O narrador nunca te consola quando você fica marejado, com os olhos molhados ou sentindo-se mal por causa de alguém que não voltará mais para casa. Você fica apenas parada no lugar, sem entender o que aconteceu. A pausa sempre é necessária. O que importa é que é temporária. Logo o caos volta a se instalar. O mesmo de quando batemos forte a palma na água da piscina. Por um milésimo de segundo surge um vazio onde a mão explode, daí a água volta a cobrir tudo, mais agitada que antes. Nada que possamos fazer. Contra o narrador, temos.

O narrador: Um porco chauvinista, se me permite resumir. Só porque dividimos a vida, não significa que tenho que concordar com a forma como ele leva a dele. O dinheiro que ganha é desonesto, fruto da manipulação que promove com quem acha pela frente. Encontrou um nicho de mercado, o qual achou suficientemente promissor, e realmente rentável. Escreve sobre cachorros para amantes de livros, ou livros para amantes de cachorros. Autoajuda. Pets. São as palavras que

descrevem seus interesses. Não há cães em casa, apenas o Landinho, seu vira-latas de estimação, sobre quem ele escreve, quase que numa contínua novela sem fim. O pobre animal, ao menos, não sofre em segredo. Considera tudo uma estupidez sem tamanho, especialmente o fato de o narrador fazê-lo falar nos textos, o que torna tudo completamente escalarofóbico. Landinho não fala, é claro, expressa-se com ele em linguagem canina, utilizando gestos, lambidas, olhares, sinais com tinta sobre papel. Jamais efetivamente sentou-se ao teclado de seu apatetado guardião para digitar como realmente se sente sobre ser transformado em outra pessoa. Ao longo das histórias e dos anos, Landinho conheceu diversos papagaios, gatos, peixes de aquário e muitas pessoas, oferecendo-lhes desde palavras de conforto diante da complexidade inexorável da vida na Terra até anedotas devidamente selecionadas de suas experiências de vidas passadas. Ora, a mim Landinho já se confidenciou. Ele jamais conheceu outros animais, com exceção do peixe de aquário que vivia conosco até conseguir vaga em uma república de estudantes que tanto almejava. E, se encontrasse outros animais, como se comunicariam, afinal? Landinho suspirava, perplexo, ao falar da desfaçatez do narrador, ao, deliberadamente, falsear os fatos, confiando que ninguém jamais descobriria a verdade. Contudo, a verdade sempre vem à tona, e emergirá para todas as pessoas que o narrador coloca em seus livros conversando com o simulacro de cão que insiste em chamar de Landinho.

Em uma obra, o narrador afirma que um fulano é mau cristão, rouba frutas do mercado e pede esmolas na rua. Em outra, que uma sicrana é palhaça de circo, autora frustrada de best-sellers e nascida na Romênia. Em mais uma, que beltrano é um velho político, aberto a conselhos para a melhoria da cidade e disposto a ajudar a qualquer um que precise. Em todos os casos, o cão de quem já falei interfere na vida deles, contribuindo para a evolução pessoal de cada qual. Nada disso

corresponde à realidade. Landinho pouco sabe da vida de fulano, sicrano e beltrano. Somente o que viu pela janela de casa. E, quanto a isso, tanto eu quanto o narrador e mesmo Landinho vimos o mesmo, como deve ser. Praticamente nada.

Pelas andanças de Fulano, percebe-se que perambula sempre pelo mercadinho vizinho. Até aí, não há motivo para desconfiar sobre sua índole. Uma maçã ou outra surge em suas mãos todos os dias, ainda que ele não pareça ter um trabalho regular, ou que as caixas de frutas pareçam mais vazias ao mesmo tempo. E, se ele se veste aos trapos e aborda transeuntes, é porque talvez se sinta sozinho, não para pedir dinheiro. Ainda assim, o coitado sempre recebe mais trocados que atenção. Ainda que ele fosse como o narrador o descreveu, como o pobre se sentiria se um cachorro fosse lhe dizer o que fazer da vida? O que poderia balbuciar para levar-lhe o conforto que possa precisar? Além do que, sabemos todos, de que valem as palavras, no fim das contas? O que as palavras já fizeram por mim, senão deixar-me esperançosa, ou ansiosa, ou triste, ou feliz? Usar as palavras para distorcer é o que caracteriza o narrador. Ele nos torce de uma tal maneira que nos faz ver pelas lentes de seus olhos, lentes demais, lentes diferentes para situações diferentes. Isso não é bom, é chuva que cai e escorre pelo ralo.

Sicrana: Todo fim de tarde o narrador sentava-se à janela, fingindo tomar vitamina D de um sol que não estava lá, e punha o computador no colo. Era o único momento do dia em que ele parava de digitar suas mentiras. Acendia o cigarro que ainda irá lhe matar, e aproveitava um silêncio que não apreciava em outras horas. No mesmo horário ela surgia, com seus trajes extravagantes, sua boca, olhos e rosto totalmente pintados. Nem mesmo era possível ver como realmente se parecia. A trupe não saía de suas marcações, cada integrante do circo permanecia próximo aos demais, como numa turba aprisionada em uma vitrine, convidando quem passasse a comprar in-

gressos para o espetáculo da noite. Ela não. Movia-se como um brinquedo de mola, contorcia-se, escorregava, sorria para as crianças. Um sorriso que ultrapassava a tinta, a caracterização. Um sorriso que preenchia toda a rua, fazia tudo mais desaparecer. Ora... o narrador certamente ficou momentaneamente cego com o pôr-do-sol, pois tudo estava no mesmo lugar. No instante seguinte, a trupe (e ela, inclusive) não estava mais lá. As demais coisas continuavam onde sempre estiveram, como deveria ser. Foi criminoso depois retratar a moça como sendo algo diferente da artista de circo que mostrou ser. O narrador não a viu com lápis, papel ou livros na mão, nem fãs ou haters correndo alucinados em volta dela, elogiando-a ou criticando-a a cada passo que desse, sufocando-a em igual medida. Tampouco a ouviu pronunciar uma única palavra, em romeno ou qualquer outra língua, notando apenas o quanto seus lábios lembravam os de uma atriz que anos atrás atingiu o estrelato e sumiu. O narrador não percebeu quem realmente a sicrana é, o que não o impediu de apresentá-la a um cachorro falante no que chamaremos de “livro”, escrito por ele, no qual ela não pensa duas vezes em levar o canino para casa, onde passam juntos o resto de seus dias. Acredite ou não, no tal livro ela o penteia, cata suas pulgas e lhe dá biscoitos, e ele segue conversando com ela até ficarem velhinhos, contando-lhe histórias que nunca aconteceram.

Dos livros recentes, sinto que beltrano foi o mais ofendido pela incompreensão do narrador em enxergar o que se desenrola diante de si. O narrador pouco vai à rua, assim como a geladeira. Na semana em que o tal refrigerador aborreceu-se do marasmo residencial e desapareceu, o narrador foi forçado a visitar comércios locais, como o hortifruti, a feira, o mercadinho e a tasca do Manuel Braga, na qual aproveitou o ensejo para adquirir pratos de bacalhau que foram plenamente saboreados naquele fatídico momento. O narrador dificilmente admitiria, mas, aqueles dias em que pôs os pés na rua depois

de tanto tempo foram intensos e alegres. Esqueceu-se de tantos problemas quanto possível, especialmente de prazos a cumprir, boletos a debitar, e dos e-mails que viviam chegando de sua editora com pedidos de entrevistas que ele precisaria continuar aceitando para manter a farsa que é sua vida. No último dia antes do retorno da geladeira, ele topou com Beltrano na pracinha da região, tão intimista, aconchegante e fracamente iluminada que ele próprio poderia tê-la inventado em um de seus textos. O desconhecido rapaz perguntou se poderia sentar-se ali, no que o narrador assentiu, entorpecido que estava pela semana que tivera e pelo cachorro-quente lambuzando suas mãos. Beltrano estava cansado, contou ter passado o dia andando pela região, quilômetros e quilômetros com o sol a pino, para conversar com as pessoas simples dali, saber o que elas realmente precisavam, e o que pensavam que deveria ser feito para melhorar a vida delas. Anotou o que pôde em um caderninho surrado, não que precisasse: Demonstrou que os desejos e esperanças daquela gente estavam na ponta de sua língua, e manifestou um interesse genuíno em levar aquilo adiante. Imaginava que, chegando à Prefeitura, teria os recursos da própria cidade para empregar imediatamente na solução dos problemas dos próprios cidadãos, como sempre considerou que deveria ser. O narrador ouviu atentamente, como sempre faz com qualquer pessoa, e abriu a boca apenas uma vez, dirigindo a Beltrano uma pergunta que verdadeiramente quis fazer. O que o levava a fazer aquilo, um ano antes das eleições, claramente ainda sem o apoio de qualquer partido? Beltrano nem mesmo pensou, seus olhos se iluminaram, e respondeu apenas que alguém precisa fazer algo efetivo pelas pessoas e pela cidade, e tem de se preparar para isso, e um ano é pouco, mas tem que servir. Quem se dignou a comprar, roubar ou simplesmente baixar de graça o mais recente “trabalho” do narrador, encontrou um cão não apenas falando pelos cotovelos, mas estrondosamente em campanha política pela eleição de Beltrano. Ainda que tentando se redimir de

anos de dissimulações em forma de prosa, finalmente reproduzindo exatamente o que viu e ouviu de alguém, o narrador falsificou a realidade de forma hedionda, tornando beltrano não apenas um animal, mas o verdadeiro irmão do protagonista canino.

O que nos traz a esse momento. Não há como não cometer o pecado da ira diante de tantos equívocos, desenganos e intenção de manipular o que existe. Tudo o que vemos e podemos tocar está diante dos nossos olhos, não há nada diferente disso. Tudo é como é, como eu vejo, não há como não ser. Do contrário, tudo seria outra coisa, ou, ao menos, poderia ser. Tudo seria relativo. E como relativizar o narrador, por exemplo? Ele existe, eu sei. Eu existo também, ou não estaria escrevendo isso. E até mesmo Landinho existe, como ele mesmo está repetindo aqui. É urgente denunciar essa farsa. O narrador, esse mesmo, o titereiro de tantas pessoas e bichos e coisas, sequestradas em seus livros, capturadas em suas essências, arrancadas do verdadeiro sentido e verdade que lhes compõem, proclamou que as histórias têm poder. Que elas têm o poder de influenciar a vida das pessoas, sua formação, suas escolhas, suas visões de mundo. Mentira! Não acredite nunca nesse homem. O narrador brinca com as nossas cabeças, ele coloca um edital de seleção de uma editora na nossa frente, ele nos desafia a escrever em seu lugar, a escrever um capítulo sobre isso para um livro a ser lançado, sabendo que jamais nos dobraremos ao que ele quer. Ele é como um anjo caído, espalhando suas inverdades noite adentro, para quem é seduzido pelas palavras que escreve. Não caiam nessa, não se deixem seduzir por ele, por nenhum narrador, por ninguém. Não é verdade que as histórias têm esse poder, de apresentar tudo diferente do que achamos, do que pensamos, do que sentimos! Não é! Não é.

Estou mais calma. Não saia daí, por favor. Ouça-me, quero dizer, leia-me mais uma vez, acredite no que estou relatan-

O Poder das Histórias

do. Você sabe o que é a verdade? Não há nada mais importante que isso. O narrador é um monstro. Ele planta a dúvida, deseja que a vida seja uma ficção. Ele está errado. Mas isto aprendi com ele: Pausas sempre são necessárias. Dar um fim a elas também, assim como a qualquer coisa que começarmos. Não há nada pior que andar em círculos. É preciso pôr tudo pra fora de uma vez, sem travas, e acabou. Ou terá sido tudo encaenação. Uma farsa, eu diria.

Capítulo VIII

O Poder das Histórias

O Menino com Alma de Pássaro

Sandra de Oliveira Catalani¹⁰

A história que eu vou contar aqui começou numa casa simples e terminou em uma empresa próspera de cunho familiar, sendo esta a continuidade do que todos haviam aprendido com a mãe e com o pai. Tal empresa ganhou notoriedade e expandiu seus negócios para o mundo! Mas antes, quero transportá-los para o caminho que existiu previamente ao sucesso e ao emprego de numerosas pessoas. Essa empresa nasceu como uma semente e brotou devagar, como tudo no início da vida.

Lá na região Sul do Brasil, bem no interior, viveu um menino com alma de pássaro. Ele sonhava e desejava voar para bem longe em busca de si mesmo e de seu potencial. Com o coração sempre batendo forte e a cabeça povoada de ideias, acreditou que, com uma simples tesoura na mão, poderia sair daquela cidadezinha e ganhar o mundo para fazer algo em prol de um sonho! Esse era um ato de independência e liberdade necessário para ajudar financeiramente sua família, a qual era grande e muito humilde. O menino se desenvolveu, ampliou seu potencial e se instalou na Zona Sul do Rio de Janeiro, ocupando uns poucos metros quadrados de um bairro

¹⁰ Formada em Pedagogia Empresarial, MBA em RH pela PUC - RJ, Coach atuante e certificada pela - ICI - Integrated Coaching Institute e membro da ICF - Intenational Coaching Federation. Formada em Change Management pela Prosci.

chique de uma das metrópoles mais caras, calorosas e promissoras do planeta.

90

Ele, uma simples tesoura e um pequeno espaço em Ipanema: esse era o cenário de então. Sozinho, começou a atender em seu primeiro salão de beleza. Ao perceber que a clientela aos poucos crescia, ampliou sua visão, contratou cabeleireiros iniciantes que aprenderiam rápido com a prática e tornou-se reconhecido na região. Ele trabalhava feito louco; ninguém alcançava o seu ritmo e produtividade, e mesmo com toda a correria, deixava os clientes encantados com o seu dom profissional. Logo, o marketing “boca a boca” fazia a propaganda e atraía a fama. Com dinheiro e volume de clientes além da sua capacidade, começou então a dividir de forma pedagógica o seu conhecimento com aqueles que eram ainda novatos e sem experiência. Aos poucos, esses jovens, com muito treino e disciplina, transformaram-se em profissionais quase tão competentes na técnica e no jeito de se relacionar quanto aquele que os contratou, mas, por outro lado, alguns sentiam inveja e ambição em serem melhores que ele.

A ganância, porém, não tem memória! Muitos daqueles para os quais ele ensinou os “pulos do gato” da profissão por vezes o decepcionaram, frustraram e “passaram-lhe a perna”, por puro instinto de sobrevivência ou mera competição! No entanto, emoções à flor da pele e a paixão do artista pelo produto do seu trabalho sempre o levaram aos seus melhores destinos, e também sabia como ninguém usar a tesoura para cortar pela raiz os fios de seus medos e seguir, sempre que necessário, a arte de se adaptar às mudanças.

Com a prosperidade de seu negócio e a necessidade de crescimento de sua empresa, convidou então seus familiares a juntarem-se a ele. O salão expandia na velocidade de um trem-bala! Tudo se multiplicava por mil, e lá se iam os profissionais,

somando seus objetivos, gerando riqueza, desenvolvendo a empresa e empregando mais e mais pessoas, investidores e parceiros nos diversos salões. Assim, máquina e sua engrenagem seguiam girando, girando e girando a caminho da prosperidade e do sucesso!

Ele dizia: “os cabeleireiros são como psicólogos e precisam aprender a arte de se relacionar, ouvir e contar as histórias e, a partir daí, com a autoconfiança e a técnica necessárias, treinadas à exaustão, poderiam transformar as vidas e a autoestima dos clientes.”

Chegou um momento, porém, em que o motor parou e necessitava de manutenção. Era o mundo externo se alterando, os cenários, os competidores e o mercado da beleza se transformando com o advento de novos produtos e tecnologias, além da mentalidade dos profissionais da área voltar-se mais e mais para os interesses em ganhos materiais imediatos e status para ostentar. Nesse cenário caótico, precisavam aliar-se e trabalhar em equipe rumo à modernização, mas o que existia era, na verdade, o individualismo que dificultava a virada de chave.

Era difícil para o menino da nossa história repousar a cabeça no travesseiro, dormir tranquilamente e não pensar no tanto que a empresa estava fora do seu controle, totalmente diferente de como ele imaginava quando possuía apenas uma tesoura e que ele dominava perfeitamente.

O jovem, então, estava pensativo sobre como daria a “virada” para manter a essência do que sonhara no início. E foi então que ele buscou, com referências europeias, sobretudo da Inglaterra e da França, as novidades, abrindo as portas para especialistas em diversas áreas de uma empresa, para além da família, e convidando seus sócios a colaborarem com diferentes ideias, estratégias, inovações e, sobretudo,

observando a importância do cliente e da humanização nos relacionamentos profissionais.

92

A essa altura, já estava perdendo muito dinheiro; os custos invisíveis eram maiores que as despesas e demonstravam desmotivação, falta de ambição, baixo índice de engajamento, sentimento de menos valia, merecimento e de pertencimento, os quais só contribuíam negativamente com as estatísticas da qualidade de atendimento e dos ganhos financeiros.

Tudo isso ocorreu devido ao crescimento acelerado da empresa e ao distanciamento de seu proprietário, o qual, no início, mostrava-se muito mais caloroso e próximo daqueles que o ajudavam a empreender. Além disso, havia muita inveja de tudo o que o empreendedor possuía, num paradoxo entre admiração profunda e raiva. Era o que estavam sentindo e propagando no ambiente e que afetava o seu clima. O rumo que as coisas na empresa e as decisões estavam tomando geravam riscos e impactos de perda para todos os envolvidos.

Entretanto, ao ter clareza dessa situação, essa empresa passou por uma significativa transformação. Todos foram convidados a participar de um grande movimento de valorização da cultura organizacional. O grande objetivo desse projeto era resgatar e contar a história da criança existente dentro de cada um, repleta de gratidão e consciência sobre o que haviam recebido do mestre, além da compreensão da importância da base, da profissão digna e da possibilidade de fazer a empresa e a sua própria “carreira” decolarem.

Foi preciso que cada um mergulhasse dentro si mesmo e reconhecesse o valor do fundador e o seu papel no processo de criação de tudo que existia. O “estrelismo” que antes habitava entre os colaboradores, nesse novo contexto perdeu espaço. A luta para manter-se competitivo aconteceria

somente da porta para fora e não entre eles. Tudo faria sentido ao acreditarem que a satisfação e o progresso era para todos.

Para a história de pioneirismo, superação e colaboração continuar a ser contada, precisaram ser resgatados em folha em branco e em rascunho lá daquele início. E foi assim, relembrando os sentimentos e os desejos de prosperar dignamente na profissão, que os jovens empreendedores conseguiram avançar em sua trajetória, comparando o empenho dos primeiros dias de trabalho com o presente e entendendo a importância da relação de parceria com aquele que lhes ensinou sobre a profissão que geraria o seu próprio sustento. Dessa forma, fazendo parte da história, as emoções e o reconhecimento voltaram a brotar e a fazer parte daqueles corações, os quais haviam esquecido o que era viver e trabalhar em harmonia conectando suas melhores habilidades.

Assim, ao reconhecer que o espelho reflete não só a beleza, mas também o que é imperfeito, foi possível tornarem-se responsáveis e gratos pelas transformações que os amadureceram. Na versão ora contada, o sentimento de “uns contra os outros” foi se dissolvendo até deixar de existir. Hierarquias foram abandonadas para dar espaço ao que realmente importa na vida: ter um propósito, unir-se a outros e lidar com empatia equilibrando as diferenças e exigências que impomos a nós mesmos e aos outros.

E, voltando no tempo, aqueles profissionais souberam que nada seriam hoje sem a história e aquele suporte recebido de seu mentor lá no começo, quando ainda estavam dando seus primeiros passos a caminho do sucesso. Compreenderam, assim, que sendo mais responsáveis e comprometidos consigo mesmos e com os outros, poderiam

O Poder das Histórias

evoluir a caminho da realização pessoal e profissional, na busca por voos maiores.

Capítulo IX

O Poder das Histórias

Fundação dos sonhos

Danillo da Costa e Silva Tinoco¹¹

Há histórias que são narradas muitas vezes. Algumas são contadas às crianças, são relatos que descortinam a história de uma tribo, o que é bom para comer, o que não é. Contos para criar cautela.

Há histórias contadas exclusivamente pelas mulheres, em uma linguagem particular a qual jamais é ensinada às crianças do sexo masculino e os homens mais velhos são “sábios demais” para aprender. Tais relatos nunca são narrados aos homens. Há histórias contadas apenas entre os homens, na cabana, sob a escuridão da noite. Há histórias grosseiras, como a do lagarto que perdeu seu membro viril ou a do trapaceiro malabayo, que vendeu fezes de macaco para o rei leão, dizendo-lhe se tratar da alma da lua. Há histórias contadas entre outros membros da tribo, durante os festivais ou nos banquetes: a da Rocha que saltava, a de como surgiu o fogo e milhares de outras. Histórias escabrosas e histórias magníficas que são narradas e ouvidas muitas e muitas vezes.

Certa história é contada apenas uma única vez. Nesse caso o conto fala sobre como a história, não de uma tribo ou

¹¹ Fotógrafo, publicitário e estudante de educação física. Já foi analista de trade marketing na renomada empresa de moda brasileira, Osklen. Trabalha com fotografia de maneira autônoma desde os 17 anos, hoje praticando apenas como passatempo. Apaixonado por se exercitar, dar aula e tirar fotografias de paisagens. Escrever é um hobby antigo influenciado por J.R.R. Tolkien.

civilização, mas de um casal, com suas emoções, diferenças, felicidades, amarguras e perdas podem causar uma transformação profunda em outrem.

Faz algum tempo que um amigo tenta nos “recrutar” para ajudar em uma ONG chamada TETO. Todos sabemos como é, trabalhar de segunda-feira a sexta-feira, ficando até 14 horas por dia fora de casa, mal sobrando tempo pra fazer uma comida, manter o corpo em dia ou até dormir. Mas nada poderia preparar meu emocional pro turbilhão de emoções que foi esse projeto. Eu tinha acaba de perder meu emprego no marketing de uma grande empresa de moda. Nada fazia muito sentido, me sentia inútil e talvez sem propósito. Talvez tenha sido isso que tenha feito eu aceitar essa aventura.

Em resumo, a TETO tem como objetivo construir casas (pré-moldadas) para famílias de baixa renda em situação e áreas de risco. Junto com esse objetivo principal eles nos colocam à par de todas as dificuldades sociais enfrentadas por aquela família e suas histórias.

A Glória e o Marconi eram um casal parceiro, diferentes entre si, mas em muitos aspectos, igual a tantos outros. Ela, só sorrisos e felicidade, dona de casa, flamenguista doente e falando pelos cotovelos. Ele, mais calado, deixava transparecer na expressão e nos calos das mãos que o trabalho braçal fazia parte da sua vida desde muito jovem.

Nosso grupo, formado por alguns amigos e conhecidos tinha sido destinado a construir para uma outra família, mas é uma realidade muito comum em Jardim Gramacho as famílias se mudarem quando um dos chefes do lar consegue um emprego melhor. É uma oportunidade grande um emprego de faxina ou de porteiro em algum lugar mais afastado de lá. Viver em um lugar que a morte não esteja sempre tão presente.

Portanto, soubemos que nossa nova família seria a Glória e o Marconi assim, aos 45 minutos do segundo tempo. Nunca vi um barracão ser desmontados tão rápido para que uma nova casa pudesse ser levantada. O Primeiro choque foi, pensar: “nossa, eles se desfizeram completamente do pouco que tinham confiando tudo que tem à marinheiros de primeira viagem, que sequer sabiam fazer a fundação de uma casa”. Mesmo com nossos coordenadores juntos conosco, pra muitos era a primeira vez no projeto, e eles, sem nos conhecer, confiaram completamente o pouco aconchego que tinham nas nossas mãos.

Jardim Gramacho é por si só alvo de matérias jornalísticas e case de diversos estudos psicossociais. Um lugar quente, dominado pelo crime, onde vizinhos vem e vão de acordo com os momentos bons ou ruins de suas vidas. Onde alagamentos dentro dos barracões são uma realidade frequente, e que o lixo, seja hospitalar ou qualquer outro tipo, são a fundação dos mesmos barracões inundados com as chuvas.

Foi extremamente difícil e gratificante construir aquela cada, bater cada está a da fundação, cavar, bater o nível, e tudo isso com a ajuda do Marconi, que apesar de pequeno, tinha a experiência e a resistência de 10 jovens construtores da TETO juntos.

O projeto nos faz interagir diretamente com “nossas famílias” no segundo dia à noite. Lá que realmente fazemos a troca que é imprescindível para as pessoas de bem. Nada material pode significar mais do que aquelas experiências trocadas, aqueles olhares e expressões tão sofridas nutridas de felicidade por um novo começo. Ao mesmo tempo, ouvir sobre a dificuldade da perda de filhos, entes queridos, tudo para o lixo, fonte da dor e do sustento.

O Poder das Histórias

São histórias, que gravam na pele e na memória uma realidade que não imaginamos, que ao menos, este autor apenas imaginava conhecer. A dissociação entre saber, conhecer e viver precisa ficar muito clara aqui. Uma coisa é saber o caminho, a outra é conhecer e percorrer é outra ainda mais complexa.

100

Ao fim, aqueles relatos mudaram a forma de ver o mundo de todo o grupo. Choramos com eles e depois de um tempo, por um deles, já que Marconi veio a falecer um mês depois após o sonho realizado de ter sua casinha, em decorrência de uma virose.

Mas assim são as histórias. Eternas, elas são passadas adiante para ensinar, mudar hábitos e girar o mundo. Histórias nascem de sonhos, vontades e ações. Essas mesmas histórias moldam corpo, mente e espírito. Histórias são os alicerces das relações humanas, e histórias são a memória de tudo que já se passou nesse mundo. Histórias nos tornam imortais.

Simone Gomes Vasconcelos Moreira (Organizadora)



www.editoraigm.com.br

+55 (11) 94205-8079

Este livro foi elaborado pela Editora IGM de Quirinópolis, GO, em papel versão digital e impresso em Avena 80g, fonte Cambria.

Impresso no Brasil em Gráfica parceira.